

O FETICHISMO NA LÍRICA DE CAMÕES

Ricardo Borges
Mestrado/UFF
Orientador: Luis Maffei

*"E se não for contente meu desejo,
Dir-lh'-ei que, nesta regra dos amores,
pelo todo também se toma a parte"*
(CAMÕES, 2005:128)

Apresenta-se aqui parte das ideias defendidas na pesquisa de mestrado O fetichismo na lírica de Camões, que teve origem ainda na graduação em Letras, nas aulas de Literatura Portuguesa II, do professor Dr. Luis Maffei, na Universidade Federal Fluminense, com um trabalho sobre o soneto camoniano intitulado "Lindo e sutil trançado, que ficaste". Este estudo foi posteriormente aprofundado e apresentado, em 2013, no colóquio Um dia de Camões 2, na comunicação "Lindo e sutil trançado, que ficaste: fetichismo em um soneto de Camões", quando restou claro que os versos do poeta neste soneto refletem com aguda precisão as descrições de conduta e as definições de fetichismo psicológico, somente apresentadas três séculos depois primeiramente por Binet, depois por Freud, Lacan e outros. É justamente a constatação de mais este exemplo da genialidade de Camões e o gosto pela obra do vate que inspiram e dão força a esta investigação.

A identificação, por Hélder Macedo, no livro *Camões e a viagem iniciática*, de uma "irônica percepção desmistificadora do fetichismo" em um vilancete de Camões, "Coifa de beirame" (MACEDO, 2013: 19), marca o ponto do qual se parte para averiguar na lírica camoniana a existência de outros episódios, descrições e definições de fetichismo, com o fim de testar a hipótese de que haja outros versos sobre o tema no cânone lírico de Camões. "Coifa de beirame" será adiante analisada no que tange às manifestações de fetichismo apresentadas pelo sujeito lírico feminino desta cantiga.

O fetichismo de que trata este artigo é o psicológico, intrinsecamente ligado ao erotismo e à sexualidade, como manifestação destes, na qual exista a substituição ou representação da coisa amada por um objeto inanimado, uma parte do corpo, uma característica, algo que remeta ao sujeito amado ou até mesmo, o substitua, nos casos patológicos, completamente. Também o acrescimento de algo ao sujeito amado, cuja presença seja essencial, no todo ou parcialmente, e que, de certa forma, dê um empuxo adicional ao desejo.

A alimentar esta pesquisa, por toda a lírica camoniana, pululam referências à partes do corpo como olhos: olhos belos em "Nos seus olhos belos" (CAMÕES, 2005: 6); olhos verdes em "Dotou em vós Natureza" (CAMÕES, 2005: 12); olhos verdes em "Ninguém vos pode tirar" (CAMÕES, 2005: 13); olhos que matam de amores em "Entre estes penedos" (CAMÕES, 2005: 16); olhos verdes, olhos tão belos em "Eles verdes são" (CAMÕES, 2005: 17); olhos d'Helena em "A verdura amena" (CAMÕES, 2005: 19); olhos pretos, sossegados em "Aquela cativa" (CAMÕES, 2005: 89); vossos olhos em "Quem pode livre ser, gentil Senhora" (CAMÕES, 2005: 121); raios desses olhos, olhos que são tão belos, lindos, olhos rutilando chamas vivas em "Manda-me amor que cante docemente" (CAMÕES, 2005: 216); mover d'olhos em "Um mover d'olhos brando e piadoso" (CAMÕES, 2005: 161). Pés: divinos pés em "Manda-me amor que cante docemente" (CAMÕES, 2005: 216); lindo pé em "Tão crua ninfa, nem tão fugitiva" (CAMÕES, 2005: 284). Cabelos: áureo crino em "Dizei, Senhora, da Beleza ideia" (CAMÕES, 2005: 177); cabelos desatados em "Ninguém vos pode tirar" (CAMÕES, 2005: 13); cabelos d'ouro, pretos os cabelos em "Aquela cativa" (CAMÕES, 2005: 89); cabelos que apertaste, tranças d'ouro em "Lindo e sutil trançado, que ficaste" (CAMÕES, 2005: 128); linda corda dos cabelos, tranças belas, trancas encrespadas em "Manda-me amor que cante docemente" (CAMÕES, 2005: 216); fios d'ouro, cabelos d'ouro fino em "Quem pode livre ser, gentil Senhora" (CAMÕES, 2005: 121). Dentes: Perlas preciosas orientais, doce riso em "Dizei Senhora da Beleza ideia" (CAMÕES, 2005: 177); dentes cor de neve, boca graciosa em "Formosa e gentil Dama, quando vejo" (CAMÕES, 2005: 203). Características outras: rindo fazeis covinhas em "Tudo tendes singular" (CAMÕES, 2005: 15); De dó vestida andais, cruezas no coração em "Se de dó vestida andais" (CAMÕES, 2005: 61). Roupas e acessórios: o toucado, o beirame, a coifa de beirame, e o vestido em "Coifa de beirame" (CAMÕES, 2005: 23); pedaço de cetim amarelo em "Se derivais da verdade" (CAMÕES, 2005: 25); lindo e

sutil trancado em "Lindo e sutil trançado, que ficaste" (CAMÕES, 2005: 128); os vestidos em "Os vestidos Elisa revolvia" (CAMÕES, 2005: 148); fita de cor d'encarnada, o trançado, cinta, sainho de chamalote, vasquinha de cote em "Leva na cabeça o pote" (CAMÕES, 2005: 55). Até a conduta tipicamente fetichista do pigmalionismo, como em Querendo Amor sustentar-se, / fez ua vontade esquiva / dua estátua enamorar-se em "Querendo escrever um dia" (CAMÕES, 2005: 9).

N'Os Lusíadas, algumas referências do tipo apresentado acima são também encontradas, como crespos fios de ouro, lisas colunas (Lus. II, 36); delgado cendal, objecto raro (Lus. II, 37); Tranças encrespadas (Lus. V, 11); os olhos belos, as faces, os cabelos (Lus. V, 55); Grinaldas, cabelos loiros (Lus. VI, 87); Os pés, as mãos, os cabelos que os raios escurecem (Lus. VI, 88); os olhos cobiçarem (Lus. IX, 41); os cabelos de ouro o vento (Lus. IX, 71); fios de ouro reluzente, ambas as duas no episódio da Ilha dos amores (Lus IX, 80) dentre outras.

A análise das ocorrências dos termos e condutas acima mencionadas, na pesquisa, é feita em conjunto com as ideias dos principais teóricos levando-se em consideração as características deste fetichismo e condutas fetichistas, por eles teorizadas. Abaixo são apresentados alguns destes teóricos, características e definições de fetichismo.

Alfred Binet, médico e psicólogo francês, foi o primeiro teórico a utilizar o termo fetichismo na psicologia em 1887. Define o fetichismo como sendo a inclinação que certos indivíduos apresentam por objetos e partes do corpo que normalmente são incapazes de satisfazer suas necessidades genitais. Divide o fetichismo em grande fetichismo, patológico, e pequeno fetichismo, que denomina "amor plástico", não patológico.

Sigmund Freud afirma que existe fetichismo quando ocorre a substituição do objeto sexual normal por outro que, sendo totalmente impróprio como alvo sexual normal, guarde alguma relação com aquele e ainda que:

O substituto do objeto sexual geralmente é uma parte do corpo (os pés, os cabelos) muito pouco apropriada para fins sexuais, ou então um objeto inanimado que mantém uma relação demonstrável com a pessoa a quem substitui, de preferência com a sexualidade dela (um artigo de vestuário, uma peça íntima). Comparou-se esse substituto, não injustificadamente, com o fetiche em que o selvagem vê seu deus incorporado. (FREUD, 2006: 145)

Havelock Ellis, médico e psicólogo britânico, denomina "simbolismo erótico" algumas práticas perversas, dentre elas o fetichismo, que afirma ser a tendência, absolutamente normal, de ter como tesouros as relíquias da pessoa amada, especialmente trajes e acessórios. O fetichismo é, para ele, o mais simples e comum fundamento do simbolismo erótico. Torna-se anormal somente em manifestações extremas. Ellis agrupa em três classes os tipos de alvo do fetichista: partes do corpo: mãos, pés, cabelos; objetos inanimados: braceletes feitos com cabelos, luvas, sapatos, meias, lenços, ligas, aventais, pigmalionismo e atos e atitudes: crueldade, som da voz, cheiro.

Eduardo Lourenço, no livro *O labirinto da saudade*, diz ser "Portugal, uma mina para Freud", lamenta que Freud não tenha conhecido os portugueses e afirma que, neles, o pai da psicanálise teria descoberto "um povo em que se exemplifica o sublime triunfo do princípio do prazer sobre o princípio da realidade" (LOURENÇO, 2012: 132). De fato, Freud utiliza a literatura como exemplo do tema que trata, em diversos artigos. Quando fala do fetichismo, no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, cita Goethe, *Fausto*, parte um cena sete, fala de Fausto a Mephisto:

Consiga-me um lenço tirado do seio dela.
Uma liga que tenha comprimido seu joelho. (GOETHE, apud FREUD, 1972: 155)

poderia, muito adequadamente, ter utilizado:

Lindo e sutil trançado que ficaste
em penhor do remédio que mereço
se só contigo vendo-te endoudeço
que fora c'os cabelos que apertastes. (CAMÕES, 2005: 128)

tanto para exemplificar o fetichismo, em razão de o sujeito lírico deste soneto dizer que endoudece só com a presença de um utensílio para cabelo, oferecido pela amada em penhor de futuro encontro amoroso, como também para o conceito de pulsão escópica, por ser justamente a visão do objeto aquilo que desperta nele o desejo.

Curiosamente, o termo fetiche, além de ter origem etimológica em palavra portuguesa, provavelmente surge do contato de portugueses com objetos fetiche adorados por habitantes d'Africa, durante as viagens marítimas, as quais o poeta realmente vivenciou e sobre as quais magistralmente escreveu:

Fetice, substantivo, 1613. Fatisso, fetisso, empréstimo do português feitiço - amuleto, feitiçaria; termo provavelmente cunhado por marinheiros e comerciantes portugueses para nomear amuletos e talismãs adorados por habitantes da costa oeste da África; posteriormente *feteish* (1693), *fetice* (1705), empréstimo do francês *fétiche*, do português. O termo primitivo feitiço era originariamente feitiço - feito artificialmente, artificial, do Latim *factitius* feito artesanalmente, artificial, de *facere* fazer." (BARNHART, 1995: 277. Tradução minha)

Igualmente ao encontro do tema aqui tratado, Olavo Bilac apresenta, em *O feiticismo dos poetas brasileiros* (BILAC, 1924: 268), um conjunto expressivo de poemas, com características de fetichismo, de uma série de autores brasileiros, descreve as condutas fetichistas nos poemas e, após afirmar que "o maior feiticista dos olhos, na poesia brasileira" foi Gonçalves Dias e que Machado de Assis possuía a "religião dos braços femininos", refere-se ao *Cântico dos cânticos* e diz:

Neste admirável poema lírico, cuja inserção nos livros sagrados tem sido tão contraditoriamente explicada, os encantos da Sulamita são cantados com um feiticismo exaltado, e com uma opulência fenomenal de imagens, algumas das quais de uma extravagância entontecedora. Salomão diz que os dentes da Sulamita são como um rebanho de ovelhas, todas brancas e parelhas; que a sua boca é um oriente em fogo; que o seu pescoço é a torre de David; que as suas faces são as duas metades de uma romã; que os seus olhos são os dois lagos do Hesebão; que a sua testa é a serra do Carmelo... Salomão, se não fosse poeta judeu, seria poeta brasileiro. (BILAC, 1924: 274)

A cantiga "Coifa de beirame", abaixo reproduzida, publicada pela primeira vez no ano de 1595, apresenta sujeito lírico feminino, fato bastante raro na lírica camoniana. Maria, queixa-se de seu namorado, Joane, pois este volta seu interesse para o toucado abandonando-a como objeto sexual.

Esta cantiga faz referência ao cantar velho "Coifa de beirame / namorou Joane". Coifa de beirame "é uma peça de chita indiana destinada a cobrir a cabeça". (SARAIVA, 1980: 98)

Cantiga

a este cantar velho:
Coifa de beirame
namorou Joane.

Voltas

Por cousa tão pouca
andas namorado?
Amas a toucado
e não quem o touca?
Ando cega e louca
por ti, meu Joane;
tu, pelo beirame.

Amas o vestido?
És falso amador.
Tu não vês que amor
se pinta despido?
Cego e perdido
andas por beirame,
e eu por ti, Joane.

Se alguém te vir,
que dirá de ti?
Que deixas a mi
por cousa tão vil!
Terá bem que rir,
pois amas beirame,
e a mim não, Joane.

Quem ama assi
há-de ser amada;
ando maltratada
d'amores, por ti.
Ama-me a mi,
e deixa o beirame,
Que é razão, Joane!

A todos encanta
tua parvoice;
de tua doudisse
Gonçalo se espanta
e zombando canta:
-Coifa de beirame
namorou Joane!

Eu não sei que viste
neste meu toucado,
que tão namorado
dele te sentiste.
Não te veja triste:
Ama-me, Joane,
e deixa o beirame!

(Joane gemia,
Maria chorava,
assi lamentava
o mal que sentia;

os olhos feria,
e não o beirame
que matou Joane.)

Não sei de que vem
amores vestido;
que o mesmo Cupido
vestido não tem.
Sabes de que vem
amores beirame?
Vem de ser Joane.". (CAMÕES, 2005: 23)

Na primeira estrofe, o sujeito lírico pergunta se o amado encontra-se enamorado por coisa tão pouca, se ele ama o toucado ("nome genérico para o que as mulheres usam na cabeça", BOMFIM. 2002: 100) mas não quem touca ("arruma o cabelo ou coloca o toucado", *Ibidem*: 101). Afirma estar cega e louca pelo amado, e ele pelo beirame. Desta forma, o sujeito lírico diz ser coisa pouca o toucado, objeto fetiche adorado por Joane no poema.

Maria acusa Joane, na segunda estrofe, de ser falso amador por amar o vestido. Afirma que Joane está cego e perdido pelo beirame, e ela por ele. Se alguém vir que Joane a abandona para amar beirame o que dirá de tão ridícula situação, pergunta-se Maria na terceira estrofe. Quem ama como Maria merece ser amado também. O sujeito lírico alega andar "maltratada d'amores" por Joane. Maria suplica que ame-a e deixe o beirame e afirma ser isto a razão, o racional. Mas trata-se de força maior, pois a pulsão é irresistível e seu caráter indomável.

Na quinta estrofe, Maria diz ser fato notório a parvoíce, atitude tola, de Joane. Afirma que Gonçalo espanta-se com esta doidice e canta o tal cantar velho: "Coifa de beirame / namorou Joane!".

Maria diz não compreender o que há de especial no toucado, pelo qual tanto fascínio sente Joane. E, na sexta estrofe, percebendo algo de tristeza, suplica ao amado que ame-a e deixe o beirame para dar fim a este estado de sofrimento. Nada disso adianta.

A sétima estrofe apresenta-se entre parênteses com a voz de um narrador que diz do gemer de Joane, do choro de Maria de ferir os olhos e afirma ser o beirame o causador da morte de Joane. Será vaticínio de um narrador onisciente, o fim trágico de uma história conhecida? Faz-se necessário pesquisar respostas. Matou de amores?

Suicidou-se? Foi morto por Maria? Possibilidades que não interferem no que diz respeito ao fetichismo.

Os primeiros versos da última estrofe, "não sei de que vem / amares vestido" foram originariamente publicados, em 1595, como "não sei de que vem / andares vestido" (CAMÕES, 2005: 24), tal mudança, de amares para andares, sustenta a possibilidade de ser homoafetividade o que motiva a falta de interesse de Joane por Maria, hipótese sugerida pelo professor Doutor Márcio Muniz da Universidade Federal da Bahia, enquanto mediava mesa de comunicações na qual foi apresentado o trabalho sobre o poema "Lindo e sutil trançado, que ficaste", acima mencionado.

Outras possibilidades são o possível travestismo de Joane levando-se em consideração "andares vestido", pois, se anda vestido, com a roupa de Maria, está travestido; há a possibilidade de interpretar-se "amares vestido" como relativo à prática do próprio ato sexual estando travestido; por último, a hipótese aqui defendida, de que o amor que sente Joane seja pelo próprio vestido, o fetichismo.

Ao final da cantiga, Maria informa que a causa deste amor pelo beirame é o fato de ser seu amado Joane. No século XVI, a palavra Joane significava "pessoa apoucada ou tonta" (SARAIVA, 1980: 98).

Helder Macedo afirma que o vilancete apresenta

uma irônica percepção desmistificadora do fetichismo inerente à identificação da pessoa amada com um objeto que a simbolize (...) põe Joana (...) a queixar-se frustradamente da parvoíce de Joane, o amante mais enamorado da roupa que porventura lhe teria dado como um penhor de amor do que dela própria" (MACEDO, 2013: 19),

sustentando a hipótese aqui apresentada, em relação à presença de condutas tidas como fetichismo em "Coifa de beirame". Percebe-se facilmente a troca do nome de Maria por Joana, na citação acima, posto que no poema Joana não há, apenas Joane. Quando usa a palavra "penhor" dá razão idêntica àquela dada no segundo verso de "Lindo e sutil trançado, que ficaste", o penhor de amor: "em penhor do remédio que mereço" (CAMÕES, 2005: 128). Em que pese o fato de Macedo afirmar ser o fetichismo, no vilancete, "inerente à identificação da pessoa amada com um objeto que a simbolize", no poema, o grau de fetichismo apresentado vai para mais além, posto que Joane abandona completamente Maria como alvo sexual para focar-se apenas no toucado, pois conforme Freud:

O caso só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar do alvo sexual normal, e ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual." (FREUD, 2006: 146)

deste modo, justamente o oposto ocorre, pois, para este, o que torna patológico o fetiche é justamente a conduta descrita de maneira renitente no poema de Camões.

O sujeito lírico, Maria, lamenta-se, durante todo o poema, pelo pouco ou nenhum amor que seu amado a ela destina, em oposição ao verdadeiro fascínio que Joane manifesta pela coifa de beirame. Eis o objeto substituindo a coisa amada, o amor fetichista.

A situação é apresentada pelo sujeito lírico deste modo: Joane abandonou Maria como alvo sexual substituindo-a pela coifa de beirame. Para ele, de nada servem os apelos de Maria, basta o toucado. Para ela, mulher que ama, é triste, incompreensível e vergonhosa tal situação. À luz dos teóricos da psicologia, puro fetichismo.

Referências

- BARNHART, Robert K. *The Barnhart concise dictionary of etymology*. Nova York: HarperCollins, 1995.
- BILAC, Olavo. O feiticismo dos poetas brasileiros. In: *Últimas conferências e discursos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1924.
- BINET, Alfred. *El fetichismo en el amor*. Madrid: Daniel Jorro, 1904.
- BOMFIM, Eneida do Rêgo Monteiro. *O traje e a aparência nos autos de Gil Vicente*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.
- CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas* Edição de Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, s/d.
- _____. *Rimas*. Texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão. Coimbra: Almedina, 2005.
- ELLIS, Havelock. *Studies in the Psychology of sex: Erotic symbolism – The mechanism of detumescence - The psychic state in pregnancy*; Honolulu: University Press of the Pacific, 2001.
- FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 24 Volumes.

_____. Edição Standard Brasileira. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. 1905. ESB. Vol. VII Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. Edição Standard Brasileira. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. 1905. ESB. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: A relação de objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Gradiva, 2012.

MACEDO, Hélder. *Camões e a viagem iniciática*. Rio de Janeiro: Móbile, 2013.

SARAIVA, Maria de Lurdes. *Luís de Camões: Lírica completa*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1980.